

# Sociologia e literatura

## A renovação da crítica na Argentina

Alejandro Blanco

Tradução de Luiz Carlos Jackson

Originariamente publicado como introdução a uma coletânea de textos sobre os grupos literários de *Boedo y Florida* (1964), e incluído mais tarde, com ligeiras modificações, no excelente *Estudios de literatura argentina* (1969), o texto de Adolfo Prieto inaugurou uma nova perspectiva de análise sobre a irrupção das vanguardas que a crítica posterior aprofundou<sup>1</sup>. “Boedo e Florida” constitui ainda uma introdução excelente a uma obra e a um estilo de trabalho que articula crítica e sociologia da literatura de forma tão nuançada a ponto de desfazer as fronteiras tradicionais entre essas abordagens.

Segundo Prieto, o surgimento das vanguardas na década de 1920 resultou do adensamento da vida intelectual na Argentina, iniciado no final do século XIX, momento em que a literatura como atividade socialmente organizada se impôs como o eixo da vida cultural nesse país. O ensaio examina os fatores históricos mais gerais que condicionaram esse processo, esboça uma sociologia dos grupos intelectuais protagonistas, calibra as diferentes apostas estéticas e avalia o significado da experiência no contexto da história da literatura argentina.

Filho de imigrantes espanhóis, Adolfo Prieto nasceu em 1928 na província de San Juan e se formou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Sua longa trajetória inclui uma das obras mais originais da crítica e da história da literatura argentina, e uma destacada atuação como professor e pesquisador. Ensinou nas universidades de Cór-

1. Ver, principalmente, Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo, *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires, CEAL, 1983.

doxa, Cuyo e do Litoral, tornando-se (no início dos anos de 1960), nesta última, diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências do Homem, do Instituto de Letras e do *Boletín de Literaturas Hispánicas*. Nas décadas seguintes, lecionou em várias universidades norte-americanas.

Adolfo Prieto foi um dos principais integrantes da geração dos anos de 1950, também conhecida como “geração dos parricidas”<sup>2</sup>, reunida inicialmente em torno do Centro de Estudantes da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Duas revistas, *Centro* (1951-1959) e *Contorno* (1953-1959), formaram a plataforma de lançamento e o laboratório das inquietudes e dos projetos intelectuais dessa nova geração. Ao lado dos irmãos Ismael e David Viñas, Noé Jitrik, Adelaida Gigli, Regina Gibaja, Juan José Sebreli, Oscar Masotta, entre outros, foi uma das figuras mais expressivas do movimento intelectual que afastou a análise do fato literário dos moldes tradicionais conformados pela estilística e pela filologia, interrogando-o por meio dos vínculos estabelecidos com a sociedade e com a política.

No interior de sua geração, Prieto foi, sem dúvida, o crítico mais afinado com a sociologia, e seu projeto de realizar uma história social da literatura é indissociável do processo de modernização intelectual e disciplinar promovido desde meados dos anos de 1950 pelas ciências sociais emergentes e, sobretudo, pela sociologia. Em 1956, o autor publicou *Sociología del público argentino*, uma abordagem inédita na tradição da crítica e da história literária argentinas, focada no circuito social da literatura (autor-obra-público). Nesse livro, definiu o enquadramento básico de seu projeto intelectual, que encarou sempre o fenômeno literário como um sistema vivo de relações. *Proyección del rosismo en la literatura argentina* (1959), *La literatura autobiográfica argentina* (1962) e *El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna* (1988) foram as obras modelares dessa orientação geral. Ainda que de maneira indireta, esse projeto também pode ser reconhecido numa obra coletiva que supervisionou, *Capítulo de la historia de la literatura argentina* (1967-1968), publicada pelo Centro Editor de América Latina em 59 fascículos semanais, cada um deles acompanhado por um livro de bolso (quase sempre uma seleção de textos), o último destes o *Diccionario básico de la literatura argentina* (1968), redigido pelo próprio Prieto<sup>3</sup>. Pensada para um público amplo de leitores não especializados, a terceira das principais histórias da literatura argentina (a primeira foi realizada por Ricardo Rojas entre 1917 e 1922; Rafael Arrieta dirigiu a segunda entre 1958 e 1960) acabou convertendo-se em ponto de referência obrigatório e

2. Expressão cunhada pelo crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal (*El juicio de los parricidas*, 1956), em função da posição assumida por essa geração diante das figuras então dominantes na vida literária argentina, como as de Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea e Ezequiel Martínez Estrada.

3. A segunda edição, ampliada e com algumas modificações, foi publicada pela mesma editora, em cinco volumes, no início da década de 1980, sob a direção de Suzana Zanetti.

fonte de muitas hipóteses que orientaram a crítica e a história da literatura subsequentes.

Apesar de breves, os dados apresentados sugerem um notável paralelismo com o que ocorreu na Universidade de São Paulo, quase ao mesmo tempo. Nos dois casos, com efeito, a renovação da crítica literária – encabeçada no Brasil por Antonio Candido e na Argentina por Adolfo Prieto – acompanhou o desenvolvimento sem precedentes da sociologia nos mesmos anos, liderado por Florestan Fernandes e Gino Germani, respectivamente. Verdadeiro jogo especular, define um momento em que as duas disciplinas caminharam lado a lado, envolvendo um complexo sistema de disputas e trocas a ser revisto.

Alejandro Blanco é professor de sociologia e membro do Programa de História Intelectual da Universidade Nacional de Quilmes. É autor de *Razón y modernidad. Gino Germani y la sociología en la Argentina* (Buenos Aires, Siglo XXI, 2006). E-mail: [ablanco@unq.edu.ar](mailto:ablanco@unq.edu.ar).